

DISCURSO

ANTÔNIO GOMES DE FREITAS

Senhor Presidente do Instituto do Ceará
Senhor Representante do Governador do Estado
Senhor Comandante da 10.^a Região Militar
Senhor Presidente do Tribunal de Contas
Senhor Representante da Assembléia Legislativa do Estado
Senhor Comandante do C.P.O.R.
Senhor Comandante do Colégio Militar
Meus Senhores

Nem sei que honra maior poderia eu aspirar além desta que, generosamente, me confere o Instituto do Ceará.

É que, abrindo-me as suas portas venerandas para o aconchego da sua convivência ilustre, e incorporando-me na luminosa caminhada para os altos destinos culturais que justificam a sua existência, este Sodalício excedeu-se em generosidade, agraciando-me com uma distinção muito superior aos meus apoucados merecimentos.

Acudindo, pois, ao vosso chamamento, não venho aqui trazer maior contribuição aos vossos estudos e lucubrações, senão inspirar-me na vossa sabedoria e no vosso devotamento, procurando nêles um incentivo maior para afervorar, ainda mais, o meu culto à nossa História, tão rica de lances que a imortalizam.

Mas estou certo de que, ao vosso lado, inspirado no vosso exemplo e esclarecido pelas luzes da vossa ciência, a mim também não me faltarão forças para, embora modestamente, oferecer-vos a minha cooperação, ainda que desvaliosa, para esta grande obra cultural que aqui realizais. E esta será a maneira pela qual hei de corresponder, com gratidão, ao gesto tocantemente generoso que tivestes para comigo, admitindo-me como humilde operário nesta obra meritória que através do Instituto do Ceará nos legou o seu

imortal fundador, o Barão de Studart, que perpetuou o seu exemplo e a sua presença em tôdas as brilhantes conquistas dêste Sodalício.

Sinto, pois, ao penetrar os umbrais dêste augusto recinto, não só o calor da vossa companhia que tanto me honra e envaidece, senão também o prazer espiritual de, guiado pelos estímulos dos mestres que me cercam, poder consagrar-me ainda mais aos estudos da nossa História, que têm sido já o maior devotamento das minhas modestas atividades mentais.

Bem haja, pois, o Instituto do Ceará, pela bondade do seu gesto para mim tão generoso e envaidecedor.

* * *

Ocupando nesta Casa a cadeira antes tão brilhantemente preenchida pelo Dr. Manuel Antônio de Andrade Furtado, não tenho, evidentemente, a pretensão de substituí-lo, culturalmente, — a êle que foi um dos luzeiros do Instituto do Ceará e ao qual, legitimamente, se credenciou pela sua destacada atuação no mundo literário e científico do nosso Estado, onde irradiou o brilho da sua sabedoria e da sua grandeza moral.

A vida de Andrade Furtado foi uma linha reta traçada entre a honra e a dignidade, e êle a percorreu galhardamente, sem se desviar um só instante do equilíbrio do seu itinerário.

Disciplinado pelos preceitos da fé cristã, com o espírito sempre voltado para Deus, cuja grandeza e sabedoria êle enxergava em tôdas as nobres manifestações do pensamento humano, — tôda a inspiração da sua vida mental vinha, assim, das verdades eternas, e jamais transigiu com o êrro e com as novidades que por aí pululam, desvirtuantes da sã doutrina e da austeridade dos costumes. Êle foi o homem justo de que nos fala o Evangelho. Justo e bom, pois a bondade e a doçura do coração nunca estão ausentes dos que conduzem a vida pelos caminhos retos e suaves da equidade e do amor.

No domínio das lides intelectuais, Andrade Furtado foi, entre nós, um dos maiores expoentes, e o que produzia, o que criava, trazia a marca da espontaneidade, o brilho da forma e a nota vigorosa da sinceridade — nunca jamais disfarçada por inspirações outras que não se ajustassem aos moldes da sua formação moral.

Se na cátedra, como professor da nossa Escola de Direito e da Faculdade Católica de Filosofia, exerceu o apostolado da ciência e de orientador da formação moral da juventude, nas atividades literárias Andrade Furtado sagrou-se o estilista consumado, o qual a imaginação fecunda e brilhante aliava-se à pureza da estesia e ao vigor da expressão. Foi assim, na prosa erudita, como igualmente o foi na poesia, onde a sensibilidade artística se revela em poemas de grande beleza e sentimento tocados de doce e suave espiritualidade numa exaltação inflamada do Belo e do Sensível.

Foi, sobretudo, no jornalismo que o espírito e a inteligência de Andrade Furtado se sublimaram no combate das boas idéias e dos sãos princípios normativos da sociedade. Foi êle, sem dúvida, um dos príncipes do jornalismo cearense que, na imprensa católica, encarou do alto os problemas vitais da sociedade e hauriu forças para defender a justiça e a verdade, estigmatizando o vício, exaltando a virtude, propugnando pela ordem e castigando tudo quanto pudesse atentar contra a moralidade dos costumes na sociedade e no governo. Foi na fase áurea do jornal católico *O Nordeste*, onde ao lado de Luís Sucupira, outro grande e autêntico líder da ação católica entre nós, que Andrade Furtado realçou no pontificado da imprensa cearense, sempre cercado pela admiração e pelos aplausos dos seus contemporâneos. Os seus editoriais, versando assuntos da atualidade brasileira, são verdadeiras páginas antológicas onde o vigor da argumentação ajusta-se à ética impecável e à grandeza dos conceitos.

Ocupando cargos de relêvo na alta administração do Estado, ali o seu comportamento não divergiu da sua inflexível linha de conduta moral e por onde quer que tenha exercido atividades, deixou o traço imperecível da sua honestidade e da vocação de servir com dignidade e altivez. Convidado, em certa fase da política cearense, para ocupar uma cadeira da nossa representação no Congresso Nacional, quando a eleição lhe sorria fácil e certa, recusou, com edificante espírito de renúncia, a distinção que lhe era feita. No fundo de sua desambição havia, sem dúvida, um sentimento religioso de humildade cristã, pois o verdadeiro crente, como êle o foi, prefere os dons celestes às honrarias e às ilusões efêmeras das cousas temporais. Ademais, nunca se acomodariam, ao seu espírito de ordem, de independência e de grandeza moral, os atos de submissão e transigência que a política partidária exige dos que a ela se prendem e subordinam.

Contudo, a maior e mais edificante lição de Andrade Furtado, entre tôdas as outras nobres qualidades que o distinguiam entre os valôres da sua geração, está na bondade que conservou no coração, onde nunca se aninharam sentimentos inferiores, conservando-se sempre puro e simples, modesto e generoso.

Ocupando neste Sodalício a cadeira que Andrade Furtado, com brilho, preencheu e realçou, não tenho, como acentuei, a pretensão de substituí-lo, pois só poderei, também, realçá-la como as sombras que apenas servem para dar maior expressão às côres, nas telas dos grandes artistas do pincel.

* * *

Não poderia terminar as minhas palavras de gratidão ao Instituto do Ceará, sem antes exteriorizar o meu profundo agradecimento ao ilustre membro desta Casa, o professor Hugo Catunda, pelas palavras de grande bondade e indulgência com que me saudou em vosso nome. Foi, para mim, um imenso prazer ser recebido

por êle, neste recinto. É que Hugo Catunda foi o mestre e guia da minha iniciação nos estudos da nossa História da qual êle, ao lado de tantas outras brilhantes manifestações da sua cultura, é um dos maiores conhecedores.

Tenho sempre presente esta primeira lição que êle me ditou: — “A história do passado não se faz. Ela existe, menos na tradição do que nos documentos que a registam realmente.” E concluía o mestre: — “Onde não há documento não há História.”

Apeguei-me a esta regra de sabedoria, e dediquei-me à pesquisa, nos velhos papéis dos arquivos, e quanto mais o faço, mais ainda me convenço de que sòmente êles realmente nos podem dar a revelação exata dos fatos e das ações que projetaram as gerações passadas no cenário da História.

* * *

Senhores Membros do Instituto do Ceará:

Entre vós serei o menor. Mas, por isto mesmo, maior será o meu esforço para me tornar digno da vossa confiança, e vos acompanhar nesta jornada luminosa para os altos destinos que justificam e animam a existência já vitoriosa do Instituto do Ceará.

Muito obrigado.